



Magali da Silva Almeida

**Mulher negra militante: trajetórias de vida,
identidade e resistência no contexto da
política de ações afirmativas na
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Serviço Social da PUC-Rio como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Denise Pinni Rosalem da Fonseca

Volume I

Rio de Janeiro
Agosto de 2011



Magali da Silva Almeida

**Mulher negra militante: trajetórias de vida,
identidade e resistência no contexto da
política de ações afirmativas na
Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Denise Pini Rosalem da Fonseca

Orientador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Elisabete Aparecida Pinto

UFB

Profa. Helena Theodoro Lopes

UVA

Profa. Andréia Clapp Salvador

PUC-Rio

Profa. Angela Maria de Randolpho Paiva

PUC-Rio

Profa. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2011

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Magali da Silva Almeida

Graduo-se em Serviço Social pela Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta (1978); Especializou-se em Metodologia do Serviço Social (UFF-1998); Planejamento e Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (ENSP/FIOCRUZ 1993). Mestre em Memória Social e Documento (UNIRIO- 1998). Atualmente é Professora da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenadora do Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos da UERJ. Coordena o Curso de Atualização “A teoria e as questões Políticas da Diáspora Africana nas Américas” em conjunto com a ONG Criola e o Centro de Estudos Africanos e Afro-americanos (CAAAA) da Universidade do Texas em Austin- EUA. Coordenadora do Eixo raça/etnia do GT de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidades da Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (ABEPSS). Bolsista de doutorado sanduíche CNPq no Instituto de Psicologia da UFBA. Representante do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) na Comissão Intersectorial de Saúde da População Negra (CISPN) do Ministério da Saúde.

Ficha Catalográfica

Almeida, Magali da Silva

Mulher negra militante: trajetórias de vida, identidade e resistência no contexto da política de ação afirmativa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Magali da Silva Almeida ; orientadora: Denise Pinni Rosalem da Fonseca. – 2011.

2vs. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Serviço social – Teses. 2. Mulher negra. 3. Identidade. 4. Racismo. 5. Sexismo. 6. Resistência. 7. Ação afirmativa. I. Fonseca, Denise Pinni Rosalem da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

Para minha avó Durvalina e meu pai Eugenio (*In memorian*). Ambos detentores de uma força vital, cujos ensinamentos e valores negros estão registrados “no quintal do James Brow”, em São Mateus, na Baixada Fluminense.

Para minha mãe Almery e minha madrinha Lucy pela forma doce que vocês me ensinaram a ver e viver a vida, apesar dos dilaceramentos impostos às famílias negras, que ambas construíram com dedicação e honradez.

Aos meus filhos e netos pela dor e a delícia de viver/ser mãe-mulher negra-avó, dialeticamente, na vida.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Denise Pinni Rosalém da Fonseca, que me acolheu como orientanda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e dividiu comigo reflexões importantes para a realização desta tese. Durante os quatro anos de doutorado a nossa convivência possibilitou questionamentos capazes de abalar certas “verdades” produzidas socialmente, colocando-nos diante de alguns desafios, superados com generosidade e delicadeza.

À minha família, pelo cuidado e dedicação que, ao longo de quase trinta anos, asseguraram a estrutura necessária para que eu chegasse nesse patamar intelectual. Esta tese simboliza um percurso difícil, mas vitorioso, de um projeto pessoal e coletivo sedimentado por nossos e nossas ancestrais. Parafraseando a Dra. Jurema Werneck: *“nossos passos vêm de longe...”*.

Agradeço aos meus ancestrais mais antigos, que estão vivos em minha memória. Não convivi com meu bisavô Macedo, pai de minha avó materna Durvalina (Vó Durva). Quando nasci, ele já não estava junto de nós; porém, eu o via todas as tardes, sentado no mesmo lugar, sustentando seu corpo com uma bengala de bambu. Ele não estava mais no Ayê. Sua postura e expressão evocavam serenidade e astúcia. Parecia um guardião, um “preto velho”. Talvez ele tenha mesmo se tornado um “preto velho” e, por isso, fora-lhe permitido deslocar-se do Orun¹ para repor o que não consegui fazer aqui em vida. Minha avó Durva, quando revirava o baú familiar, dizia que ele bebia e, por isso, às vezes, agia com violência. A trajetória de vida de meu bisavô foi marcada pela pobreza e pelo racismo do pós-abolição, como a trajetória da maioria dos homens negros de seu tempo.

¹ Segundo Juana Elbein dos Santos, “os Nagô concebem que a existência transcorre em dois planos: o àiyé, isto é, o mundo, e o òrun, isto é, o além. O àiyé compreende o universo físico concreto e a vida de todos os seres naturais que o habitam, particularmente os ará-àiyé ou aráyé, habitantes do mundo, a humanidade. O òrun é o espaço sobrenatural, o outro mundo. Trata-se de uma concepção abstrata de algo imenso, infinito e distante. É uma vastidão ilimitada – ode òrun – habitadas pelos araòrun, habitantes do òrun, seres ou entidades sobrenaturais” (1986, p. 53-54).

Às mulheres de minha existência, meus infinitos agradecimentos: i) às minhas ascendentes: Vó Durva, Tia Lucy, minha madrinha Almery e minha querida mãe. Agradeço às referências positivas que me transformaram no que sou hoje: guerreira, autoconfiante e respeitosa com as pessoas ao meu entorno e com a minha família e agradeço, igualmente, a minha irmã Lais. ii) às minhas descendentes: Ana Luiza e Helena Maria (minhas filhas) e Julia, Joyce e Nicole (minhas netas), com as quais tenho aprendido que enfrentar as barreiras sociais, de forma cíclica: é fundamental para desafiá-las. A vida reserva para as mulheres negras muitas provocações, o que recheia nossas experiências, mormente, de supostas “verdades”. Estas, ancoradas em representações sociais hegemônicas, tentam nos *coisificar* e desfocar a construção de nossas subjetividades como sujeitos históricos. É contra isso que eu luto incessantemente. Não vejam essa luta como uma rival que, aparentemente, roubou de vocês o tempo materno que eu poderia dedicar-lhes. Resistir é preciso.

Aos meus tios e padrinho, que me propiciaram uma infância feliz, na qual fui estimada e amada. Obrigada! A convivência com vocês em São Cristóvão, na primeira infância, e o amor de todos foram o nutriente necessário para o enfrentamento das primeiras experiências externas à família.

Aos meus irmãos Laerte e Mauro. Obrigada por sermos cúmplices em nossa caminhada familiar.

Ao meu filho Fred, um agradecimento especial. Sua dedicação e cuidado com as minhas netas Júlia, Joyce e Nicole foram fundamentais para a realização de minha bolsa sanduíche na UFBA, quando precisei ficar ausente do comando da casa. Aprendi com ele que é possível desconstruir a ideia do *homem-negro-reprodutor*. Ele transcendeu essa construção de gênero/raça e deu conta de uma das tarefas mais importantes e pouco valorizadas no universo masculino: o cuidado com a casa e com as crianças.

À assistente social Enirce Barbosa Agilar, mulher guerreira que sabiamente cuidou de mim quando nos conhecemos na turma do curso de serviço social em 1974. Durante um longo período passei por muita dificuldade financeira, e ela soube, de forma exemplar, ajudar-me sem ferir minha dignidade. Foi através da sua espiritualidade que esta tese se enunciou. A você, meus sinceros agradecimentos.

Ao CNPq e à PUC- Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais esta tese não se concretizaria.

Ao Prof. Dr. Antonio Marcos Chaves, diretor do Instituto de Psicologia da UFBA e orientador de meu doutorado sanduíche, os meus sinceros agradecimentos pela disponibilidade, competência e carinho dedicados a mim durante os três meses que morei em Salvador. Suas sugestões enriqueceram a fundamentação da tese e, particularmente, o debate sobre representações sociais e alteridade.

À Dra. Elisabete Aparecida Pinto, coordenadora do Colegiado do Curso de Serviço Social da UFBA, amiga e educadora por excelência, expresso publicamente minha admiração. Indubitavelmente os Orixás, Inquices e Voduns conspiraram a meu favor, promovendo nosso convívio na “cidade de Oxum”. Não foi por acaso. Obrigada pelas sugestões de leitura e aconselhamentos sobre os caminhos da pesquisa durante a bolsa sanduíche.

À assistente social e militante do movimento negro soteropolitano Valdeluce Nascimento, minha querida “baiana arretada”. Não tenho palavras para agradecê-la. É indizível a gratidão que eu tenho a você e a sua família. Sou devedora do carinho e generosidade a mim dispensados em sua casa, que também foi um pouco minha durante a bolsa sanduíche. Agradeço a nossa Mãe Oxum por ter aproximado nossos caminhos e gerado um outro percurso, no qual, indubitavelmente, foi selada uma sincera e sólida amizade.

Aos meus amigos de longa caminhada: os assistentes sociais Joilson Santana Marques Júnior, Ana Paula Procópio e Aline Batista de Paula, queridos ex-alunos e, hoje, mestres. Obrigada pelo apoio incondicional no PROAFRO, através do qual demonstraram, de modo indelével, compromisso com a questão racial. Vocês foram a pedra de toque de meu trabalho docente. O reconhecimento do trabalho de um educador está na formação humana de seus educandos. Agradeço, igualmente, a companhia de vocês depois do expediente no “Rio Quarenta Graus” para brindarmos – com um chope gelado – as conquistas, assim como para partilharmos as frustrações provocadas pelo racismo institucional que sofremos cotidianamente na academia.

Aos bolsistas do PROAFRO, Alexandre Ramos da Silva, Fabrício Soares do Nascimento, Larissa Cristina Rego Duarte, Aicha Bonfim dos Prazeres, Evelin Fernandes S. Dias, Filipi Muniz Silva Navegantes, Marcelle Rodrigues Cobuci e à secretária Maria de Fátima V. da Silva, pela dedicação e presteza nas atividades que envolveram esta pesquisa.

Ao Professor Marco José de Oliveira Duarte, diretor da Faculdade de Serviço Social da UERJ e sacerdote da tradição Jeje Marri do Rio de Janeiro, de quem sou filha e Ekedje. À benção e muito obrigado pelo Axé que trocamos e trocaremos infinitamente.

À Profa. Dra. Hilda Maria Montes Ribeiro de Souza, diretora do DEAPI, e à servidora Patrícia Anido Noronha do PROINICIAR, pela disponibilização das informações do banco de dados da UERJ.

Às professoras Dra. Marlise Vinagre e Dra. Maria Helena Tenório de Almeida pelas valiosas críticas e sugestões na qualificação de meu projeto de doutorado.

À banca examinadora: Dra. Andréa Clapp Salvador, Dra. Elisabete Aparecida Pinto, Dra. Helena Theodoro e Dra. Angela Maria Randolpho de Paiva, por aceitarem o convite e pelas críticas fundamentadas e valiosas reflexões. Muito obrigada.

À Fabrícia da Hora Pereira, estudante do curso de Serviço Social da UFBA, e à Larissa Cristina Rego Duarte, do curso de Filosofia da UERJ, bolsista de extensão

e assistente de pesquisa. Tenho que agradecer-las pela significativa colaboração na catalogação dos livros e na elaboração da referência bibliográfica da tese.

Às assistentes sociais Ms. Franciane Cristina de Menezes e Ms. Ana Paula Procópio, ao Prof. Ms. Ricardo de Souza Janoário da FEBEF e às graduandas Sheila Dias Almeida (Serviço Social) e Larissa Cristina Rego Duarte (Filosofia), que generosamente dedicaram parte de seu tempo na transcrição das entrevistas. A vocês, os meus agradecimentos. Muito obrigada.

Por fim, agradeço aos vários segmentos do Movimento Negro Brasileiro pela formação e solidariedade. Minha admiração e respeito às colaboradoras e aos sujeitos desta pesquisa, Allyne Andrade, Clarissa Marques Santos França, Evelin Fernandes S. Dias, Luane Bento dos Santos e Paula Janaína Silva. Militantes, mulheres negras, guerreiras. Axé.

Resumo

Almeida, Magali da Silva. **Mulher negra militante: trajetórias de vida, identidade e resistência no contexto da política de ação afirmativa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2011. 369 p. Tese de doutorado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo visa contribuir para a compreensão do alcance do protagonismo político da mulher negra militante, com ênfase nas estudantes beneficiárias do programa de ação afirmativa da UERJ. Minha análise sustenta que o capitalismo racista e sexista obscurece e naturaliza a violência racial e de gênero, invisibiliza as históricas formas de resistências da mulher negra, mas não as aniquila. Neste contexto, os estereótipos e representações negativas da mulher negra, criados e naturalizados no imaginário social por processos educacionais de toda ordem, são por ela incorporados, mas também negados no processo de construção identitário. As lutas de resistência de mulheres negras ao longo da história brasileira têm confrontado este padrão de dominação, e esta resistência tem criado condições para a desconstrução de identidades legitimadoras para a afirmação de identidades de projeto de acordo com Castells. O objeto da pesquisa é a construção da identidade coletiva de raça e gênero e a compreensão de seus significados, possibilidades e limites para a consolidação do sujeito social. O universo investigado corresponde a cinco alunas do curso de graduação para o qual ingressaram através da política de cotas raciais a partir de 2003, selecionadas a partir dos seguintes critérios: a) ser, ou haver sido, aluna da UERJ; b) se auto-declarar negra, e c) ter participado de organização do Movimento Negro ou de Mulheres Negras durante o período da graduação. O trabalho de campo procurou responder as seguintes questões: a) Como o racismo atua na construção da identidade da mulher negra militante na UERJ? e b) Quais aspectos de sua história de vida foram considerados relevantes para enfrentar o racismo na universidade? A hipótese que norteou a pesquisa é de que o racismo é uma ideologia de dominação importante no capitalismo, cujas funções são naturalizar as desigualdades de classe e de gênero entre os grupos raciais. Além disso, este mesmo capitalismo busca aniquilar as raízes culturais de matriz africana,

necessárias à formação da identidade racial, sendo esta a base sobre a qual a identidade negra se consolida. A pesquisa utilizou-se de um aporte teórico-metodológico quantitativo e qualitativo, a saber: a) Análise das desigualdades raciais e de gênero com base em pesquisas já realizadas, assim como a construção de novos indicadores, segundo banco de dados da UERJ; b) Realização de entrevistas narrativas e utilizando-se da fotografia como recurso da memória e; c) Revisão bibliográfica sobre ação afirmativa, racismo e mulher negra. O estudo concluiu que a experiência das entrevistadas é permeada pela violência racial. Contudo, o que as distingue das outras mulheres negras é a escolha da política como mediação para o enfrentamento das relações de poder que estruturam a classe, a raça e o gênero na sociedade.

Palavras-chave

Mulher negra; Identidade; Racismo; Sexismo; Resistência; Ação afirmativa.

Abstract

Almeida, Magali da Silva. **Militant Black woman: live stories, identity and resistance in the contexto of affirmative action at the State University of Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2011. 369p. Doctoral dissertation – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study aims at contributing to the understanding of black women's political activism. It focuses on students that benefitted from affirmative action programs at UERJ. My analysis posits that racist and sexist capitalism veils and naturalizes racial and gender violence, renders invisible black women's historical forms of resistance, but does not annihilate their resistance. Stereotypes and negative representations of black women are both absorbed and negated by black women. Black women's struggles throughout Brazilian history have confronted domination patterns, thus creating, following Castells, the conditions for the deconstruction of legitimizing identities as well as the affirmation of project identities. This work wants to understand the meanings, limits and possibilities of the collective construction of identities based on race and gender. It analyzes the trajectories of five undergraduate female students who entered the university through the racial quota system, beginning in 2003, under the following criteria: a) that they are, or have been, students at Uerj; b) that they self-define as black woman; c) and that they participate(d) in a Black Movement or Black woman organization during their undergraduate years. The questions structuring field work were: a) how does racism impact the process of the militant black women's identity construction at Uerj? b) what aspects of their lives were considered relevant when confronting racism at the university? Racism is an important ideology of domination in capitalism: this is the hypothesis of the research. Capitalism aims at annihilating the African-based cultural roots that are necessary for the construction of a racial identity, and upon which a black identity is built. The research utilized a series of methodological and theoretical approaches, namely: a) based on available sources, the analysis of gender and racial inequalities, as well as the construction of new indicators derived from Uerj data bases; b) interviews and photographs; and c) bibliographic review on affirmative

action, racism, and black women. The work finds that the interviewee's experiences are permeated by racial violence. However, what distinguishes them from other black women is their choice of politics as a way to approach power relations that structure class, race, and gender in society.

Keywords

Black women; Identity; Racism; Sexism; Resistance; Affirmative action.

Sumário

Introdução	27
1. Aportes Teóricos	39
1.1. Alteridades e Identidades: breves considerações	40
1.1.1. O que é alteridade? Qual sua importância no mundo moderno?	43
1.2. Identidades	53
1.3. Raça e gênero	57
1.3.1. Raça	57
1.3.2. Gênero	60
1.4. Mulheres negras e resistência	63
2. Desigualdades Raciais: o retrato em números sob à ótica de gênero e raça	66
2.1. O que os olhos vêem o coração sente e a fala reage	71
2.2. Desigualdade social, cidadania, negritude e Diáspora: uma breve reflexão conceitual	75
2.2.1. Desigualdade social	75
2.2.2. Cidadania	83
2.2.3. Negritude	85
2.2.4. Diáspora	86
2.3. Os números da desigualdade: raça/cor e gênero	87
2.3.1. Saúde	95
2.3.1.1. Transplantes	96
2.3.1.2. Homicídios	97
2.3.1.3. Morte Materna	102
2.3.1.4. Acesso a exames específicos	103
2.3.2. Chefias de Família	104
2.3.3. Mercado de Trabalho	105
2.3.4. Trabalho doméstico	106
2.3.4.1. Nível de escolaridade e trabalho doméstico	109

3. Ações Afirmativas no Brasil: velhas idéias, novas reivindicações e novos personagens	111
3.1. Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás: SANKOFA	111
3.1.1. Os Movimentos Negros e as lutas pelo direito a educação no Brasil: breves considerações históricas	113
3.1.1.1. Na colônia e no Império	116
3.1.1.2. Na República	120
3.2. Panorama da Produção intelectual sobre racismo no Brasil: o negro como sujeito	124
3.3. A produção bibliográfica sobre ação afirmativa: panorama até 2003	126
3.4. Ação Afirmativa : Conceito, objetivos e modalidades	129
3.4.1. Política de reconhecimento x política de distribuição	130
3.4.2. Justificações políticas de ação afirmativa	131
3.4.3. Conceitos de ação afirmativa	133
3.4.4. Objetivos da ação afirmativa	135
3.4.5. Modalidades de Ação afirmativas	137
3.4.5.1. Cotas raciais	138
4. Neoliberalismo e a implementação das cotas raciais	141
4.1. A crise da Universidade e o negro no Brasil	141
4.2. A UERJ: As cotas raciais para negros a presença feminina nos cursos de graduação	151
4.3. Total de acesso, vinculados, concluintes e evadidos	152
5. As histórias de vida	158
5.1. Com a voz Paula Janaina Silva	158
5.2. Com a voz Evelin Fernanda S. Dias	163
5.3. Com a voz Luane Bento	168
5.4. Com a voz Allyne Andrade	198
5.5. Com a voz Clarissa França	216

6. Trajetórias de vida: mulheres Negras e militância - a dor e a delícia de resistir	227
7.Considerações Finais: para não perpetuar o epistemicídio	268
8.Referências bibliográficas	273
9. Anexos	343

Lista de Tabelas e Quadros

Quadro 1- Velocidades de redução de taxas de desigualdades entre negros e brancos – 1995-2005. Fonte: Ipea, 2007 – Síntese elaborada por SILVÉRIO (2009).	94
Quadro 2- Decomposição dos diferenciais de rendimento entre brancos e negros. Fonte: Ipea, 2007 (Base Pnads 1995/2001/2006)	95
Tabela 1- Número de homicídios na população Total por raça/cor. Brasil, 2002/2008. Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.	98
Tabela 2- Taxas de Homicídio e Índices de Vitimização por raça/cor na População Total. Brasil, 2002/2008 Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.	99
Tabela 3- Ordenamento das UF segundo taxas de homicídio branco e negro (em 100 Mil) e Índice de Vitimização Negra. População total. 2008 Fonte: SIM/SVS/MS, IBGE.	101
Tabela 4- Principais causas de morte materna segundo cor/raça. Fonte: Saúde Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, 2007.	102
Tabela 5- Distribuição percentual de mulheres de 10 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, por classes de anos de estudo, segundo as grandes regiões. Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2000	104
Tabela 6- Média de renda domiciliar Per capita por sexo, cor ou raça do chefe do domicílio Brasil e grandes regiões – 1992 e 2001. Fonte: IBGE/PNAD microdados.	105
Quadro 3- Distribuição das mulheres e das ocupadas nos serviços domésticos, por raça/cor – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2009	108
Tabela 7 - Total de alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003 a abril de 2011. Fonte: SAG/UERJ – 27/04/2011. Sintetizado pela autora.	153

Tabela 8- Quantitativo de alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003 e que continuem vinculados, isto é, a matrícula não esteja eliminada, distribuídos por sexo e tipo de vaga ocupada. Fonte: SAG/UERJ – 27/04/2011. Sintetizado pela autora.	153
Tabela 9- Quantitativo de alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003 e eliminados por conclusão de curso, distribuídos por sexo e tipo de vaga ocupada. Fonte: SAG/UERJ – 27/04/2011. Sintetizado pela autora.	155
Tabela 10- Quantitativo de evasão dos alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003, distribuídos por sexo e tipo de vaga ocupada. Fonte: SAG/UERJ – 27/04/2011. Sintetizado pela autora.	156
Tabela 11- Percentual de alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003 e que continuem vinculados, isto é, a matrícula não esteja eliminada, distribuídos por sexo e tipo de vaga ocupada no Centro Biomédico	157

Lista de Figuras

Figura 1- ONG estendeu faixa em frente ao Teatro Municipal do Rio. (Foto: Divulgação / Rio de Paz)	73
Figura 2- ONG faz protesto para lembrar primeiro mês da morte. Foto: Marcos de Paula/AE. Fonte: www.estadao.com.br	73
Figura 3- Rosinei Maria de Moraes, mãe do menino Juan de Moraes, desaparecido desde 20 de Junho de 2011. Foto: Cléber Junior. Fonte: Extra	73
Figura 4- Agente da defesa civil retiram ossada no riacho em Belford Roxo. Foto:Marcelo Bastos. Fonte: R7	73
Figura 5- Grávida deu à luz a um menino na estação de trem de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, nesta segunda-feira (18) (Foto: Jadson Marques/AE). Fonte: G1.com.br	74
Figura 6- Funcionários ajudam Daniele Conceição Bispo, 23, que deu à luz a um menino em uma estação de trem. Foto: Jadson Marques/AE Fonte: Folhapress.com.br	75
Figura 7- Pais levam bebê de ônibus a hospital depois do parto na estação de trem(Foto:Jadson Marques/AE) Fonte: g1.com.br	75
Figura 8- Paula Janaína. Fonte: Arquivo pessoal	162
Figura 9- Idem	162
Figura 10- Evelin Dias – Batizado com os pais e padrinhos. Fonte: Arquivo pessoal	165
Figura11- Evelin Dias - Coroação de Nossa Senhora. Fonte: Arquivo pessoal.	165
Figura 12- Evelin Dias - Infância no local de trabalho da mãe Fonte: Arquivo pessoal.	165
Figura 13- Evelin Dias - Festa caipira. Fonte: Arquivo pessoal	165
Figura 14- Evelin Dias - Festa da Primavera. Fonte: Arquivo pessoal.	166

Figura 15- Evelin Dias - 19 anos. Fonte: Arquivo pessoal.	166
Figura 16- Evelin Dias - Mãe e Avó Materna (Mãe Luiza). Fonte: Arquivo pessoal.	166
Figura 17- Evelin Dias - Formatura do Jardim II. Fonte: Arquivo pessoal.	166
Figura 18- Evelin Dias – Foto dos pais. Fonte: Arquivo pessoal.	167
Figura 19- Evelin Dias - Visita em um quilombo em Paraty (Projeto NESA UERJ 201). Fonte: Arquivo pessoal.	167
Figura 20- Evelin Dias – Ela e a Avó Materna – 93 anos Fonte: Arquivo pessoal.	167
Figura 21- Luane Bento. Fonte: Arquivo pessoal.	197
Figura 22- Luane Bento - Apresentação de trabalho no VI COPENE. Fonte: Arquivo pessoal.	197
Figura 23-Luane Bento – Foto com sua mãe. Fonte: Arquivo pessoal.	197
Figura 24- Allyne Andrade – Festa de Aniversário de 3 anos (1988) Fonte: Arquivo pessoal.	213
Figura 25- Allyne Andrade – Com os pais, recebendo a carteira da OAB (2010). Fonte: Arquivo pessoal.	213
Figura 26- Allyne Andrade - Representação do AQUALTUNE na reunião com os afro-latino americanos - Senegal 2011 Fonte: Arquivo pessoal.	213
Figura 27- Allyne Andrade - Marcha das Vadias (2011) Fonte: Arquivo pessoal.	214
Figura 28- Allyne Andrade - Foto com o Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim – Itamaraty / Brasília 2010. Fonte: Arquivo pessoal.	215
Figura 29- Allyne Andrade - Intercambistas da Universidade de Kobe – Outubro 2008. Fonte: Arquivo pessoal.	215
Figura 30- Allyne Andrade - Aniversário de 4 anos do AQUALTUNE- 2011. Fonte: Arquivo pessoal.	215

Figura 31- Allyne Andrade - Evento do PPCor -2006 com André Brandão, Renato Ferreira, Jacques Dadesk e Osmundo Pinho.
Fonte: Arquivo pessoal. 216

Figura 32- Clarissa França. Fonte: Arquivo pessoal. 226

Lista de Gráficos

Gráfico1- Proporção da População da Linha de indigência, por Raça/Cor, Brasil, 1982-2003. Fonte: PNUD – Atlas Racial Brasileiro - 2005.	91
Gráfico 2- Proporção da População abaixo da linha de pobreza por raça/cor, Brasil, 1982-2003. Fonte: PNUD – Atlas Racial Brasileiro - 2005.	92
Gráfico 3- Proporção da população abaixo da linha da pobreza e de indigência por raça/cor, Brasil, 1982-2003. Fonte: PNUD – Atlas Racial Brasileiro - 2005.	92
Gráfico 4- Distribuição das ocupadas negras e não negras por setor de atividade econômica – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal. Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego	107
Gráfico 5- Proporção das trabalhadoras domésticas negras e não negras com até o ensino fundamental incompleto - Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2009. Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego	109
Gráfico 6- Quantitativo de alunos ingressantes por vestibular a partir de 2003 e que continuem vinculados, isto é, a matrícula não esteja eliminada, distribuídos por sexo e tipo de vaga ocupada. Fonte: SAG/UERJ – 27/04/2011. Elaborado pela autora.	154

Lista de Siglas

ABPN- Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as)

ABTO- Associação Brasileira de Transplante de Órgão

ADs- Associações de Docentes

ANDES- Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

CA- Centro Acadêmico

CBI – Centro Biomédico

CCS – Centro de Ciências Sociais

CEH – Centro de Educação e Humanidades

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social

CEPAL– Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CISPN – Comissão Intersetorial de Saúde da População Negra

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CTC – Centro Tecnologia e Ciência

DCE – Diretório Central de Estudantes

DFTPSS – Departamento de Fundamentos Teórico-Práticos do Serviço Social

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

DSS – Departamento de Serviço Social

FAPSS- Faculdade Paulista de São Caetano

FASUBRA- Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Universidade Públicas Brasileiras

FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz

FSS- Faculdade de Serviço Social

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES- Instituição de Ensino Superior

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social

Inep- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Ipea- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MEC- Ministério da Educação

NUTEC- Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero

Pnad- Pesquisa nacional por amostra de domicílio

PROAFRO- Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos

PROINICIAR- Programa de Iniciação Acadêmica

PUC- Rio- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-SP- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PVNC- Pré-Vestibular para Negros e Carentes

SAG – Sistema Acadêmico da Graduação

SAMU- Serviço de Atendimento Móvel

SPM- Secretaria de Políticas para as Mulheres

SNUN- Seminário Nacional dos Estudantes Universitários Negros.

SUAM – Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta.

SUPERVIA- Serviço de Trens Urbanos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

SUS- Sistema Único de Saúde

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UENF- Universidade Federal do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UF- Unidade Federativa

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIFEM- Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

A mulher negra na sua lua diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão- de obra, na maioria das vezes não qualificada. (...) Entretanto, nem todas as mulheres negras estão nesta condição. Quando ela escapava para outras formas de alocação de mão- de obra, dirigem - se, ou para profissões que requerem uma educação formal ou para a arte (a dança). Nestes papéis elas se tornam verdadeiras exceções sociais. Mesmo aqui, continua com o papel de mantenedora, na medida em que, numa família preta são poucos os indivíduos a cruzarem a barreira da ascensão social. Quando cruzam, variadas gamas de discriminação racial dificultam os encontros da mulher preta, seja com homens pretos, sejam de outras etnias.

A mulher negra e o amor (fragmentos) Beatriz Nascimento